

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
**GRUPO
DIVULGAÇÃO**



CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

33 ANOS DE TEATRO

apresenta



Lição de História ao pé da cena

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

A arte de contar estórias nada mais é do que plantar o alicerce sobre o qual se constrói a História. Encenar a História como quem conta estórias é dar ao cidadão a consciência de que é no anonimato dos pequenos dramas e comédias imperceptíveis aos registros oficiais que se carda o fio que ata o passado ao futuro na abertura dos novos ciclos de cujos traços nasce a identidade de um povo.

Não é nos tratados científicos que iremos encontrar a fisionomia do homem brasileiro, mas é olhando de nossas janelas, folheando álbuns de retratos perdidos nos baús da memória de gerações, que poderemos reconhecer esse rosto. E é dele que precisamos em tempos cinzentos, quando o desânimo e o silêncio parecem minar as forças para lutar contra o inimigo feroz que, de dentro de nossa terra, parece só enxergar os horizontes de fora.

Sábio é o povo que aprende o futuro lendo seu passado, corrigindo os passos desacertados e descobrindo novas rotas. Sábia é a dramaturgia que empreende um caminho *rasto atrás* para avançar adiante. E no Brasil apenas um dramaturgo parece ter feito dessa aventura sua idéia fixa: Jorge Andrade. Por isso suas trilhas são singulares e precisam ser sempre retomadas para que aprendamos a lição que nos ministra. Sobretudo quando fazemos 500 anos.

A obra de Jorge Andrade reúne, pelo menos, duas qualidades essenciais para justificar sua presença no palco brasileiro nesse final

de século. Por um lado, ela empreende um cuidadoso trabalho de escavação histórica capaz de desentranhar momentos difíceis de transição em nossa evolução histórica. Por outro, tomando São Paulo como metonímia do Brasil, ela retrata esses momentos escondidos por detrás dos grandes gestos, como sussurros de um cotidiano, ora doloroso e patético, ora alegre e esperançoso, de núcleos familiares, pequenos grupos, conjunto de valores e brios, que são pilares de sustentação da sociedade.

Seu mundo ficcional dialoga com a historicidade e tem coragem para enfrentar cara a cara os golpes que sofremos e o difícil processo de aprendizagem na soleira sucessiva de novos tempos. Do ciclo do ouro que, esgotado, deixa atrás de si o fantasma mítico e trágico de *Pedreira das Almas*, mas que aponta para a esperança da lavoura, ao ciclo do café, construtor de uma aristocracia grotesca a ser suplantada pela indústria, não são fatos, mas destinos humanos que traçam a topografia. E esses homens se mostram sempre fortes e frágeis diante das tarefas que precisam cumprir. São trágicos e cômicos no apego aos velhos valores e no temor de sua perda irrevogável.

Mestre na tessitura das tramas, Jorge Andrade é um engenheiro genético das raízes brasileiras. Parte da terra dividida em 12 capitânias e, embora seguindo apenas o percurso de uma delas, aponta para todas. Serve-se de diferentes estruturas para contar suas histórias: vai da reescritura mítica ao realismo social, passando pelo regionalismo rural e atingindo a desconstrução presente na dialética brechtiana, distanciada e questionadora.

Não se esquivava, como escritor, “fazendeiro do ar” como foi chama-

do, em tomar parte ativa naquilo que inventa. E, desta forma, deixa de lado o papel confortável de testemunha, pesquisador de almas, para trazer para si a responsabilidade da participação do artista como escritor da história. Na verdade, faz de sua própria obstinação em encontrar respostas originárias, esclarecedoras de sua própria identidade, o instrumento para empreender um novo desbravamento da história do povo brasileiro. Esse trajeto está explícito em *Rasto atrás*.

Do baú de Jorge Andrade emergem fantasmas bandeirantes como o de Fernão Dias, numa dança estranha com descendentes do europeu, escravos, imigrantes, enfim, com o caldeirão da raça. O ritmo alterna a ousadia heróica das grandes esperanças presente em Gabriel conduzindo seu povo para as novas terras, com o compasso pesado do agricultor que perde sua fazenda e se perde na cidade, como em *Amoratória*. Novos tempos, novos ritmos com os imigrantes que chegam para dar novo fôlego às chaminés e sirenes das fábricas cujo ruído sobrepõe-se aos últimos acordes das valsas que embalavam a ociosidade construída no luxo que exauriu a terra. “Avô rico, pai remediado, filho pobre...” sentencia Francisco o caçador de estrelas de *O Telescópio*.

A passagem de um ciclo a outro não é fácil. Da bandeira de Fernão Dias, em *Sumidouro* a *Rasto Atras* Jorge Andrade escreve a saga de sua gente e procura um caminho para ela. Como bem observa Anatol Rosenfeld:

O teatro de Jorge Andrade afigura-se como um grande julgamento que recorre à exumação para compreender, defender e acusar; é um constante prestar de contas, é libertação do passado em prol do por-

vir. (*Marta, a árvore e o relógio*, 1970, p.607).

E a libertação é sempre um parto que exige entrega absoluta e luta para sobreviver. O novo tempo deverá ser moldado com o que sobrou da decomposição da matéria anterior. Por isso mantém um elo com o passado, já que mesmo aqueles que chegam, “os estrangeiros”, acabam por penetrar de alguma forma nessa cadeia inextricável.

O artista talvez seja a ponte que, com seu engenho, é capaz de reger e moldar essa massa humana que vem de longe e avança até não se sabe onde. Como dramaturgo (*As confrarias*) ou como escritor (*Rasto atrás*) ele desenrola os novelos de cruzamentos familiares e circunvizinhanças com as quais Jorge Andrade chega a traçar um mapa. Ramos familiares, temperamentos, forças simbólicas em luta perpassam de obra em obra como a corrente sangüínea de um só organismo – o brasileiro.

Para entender o homem brasileiro, Jorge Andrade desvia-se do clichê e o surpreende na infância, na adolescência na vida familiar, na juventude ousada ou sem perspectivas, na lida diária, nas conversas frívolas, no patético leilão dos sobrenomes, na demência senil... Sua atmosfera lembra a de Tchekhov sempre perpassada de humor e condescendência. Seu realismo é feroz e contundente, mas não exclui o sonho. Pelo contrário, é ele que, ou alimenta as personagens em sua nostalgia ou anima-as na luta para a construção dos novos elos. Suas sagas resgatam o mítico e o vestem com trajes banais tingidos de poesia amarga que nos sussurra:

És nosso fim natural e somos teu adubo,

Tua explicação e tua mais singela virtude...

Jorge Andrade, o grande cúmplice do ator

Márcia Falabella

Hoje, o teatro se torna cada vez mais versátil em suas possibilidades de expressão. Espetáculos pós-modernos, com fragmentos de personagens e de narrativas, o uso cada vez mais forte do corpo e da imagem como os principais alicerces de construção da realidade cênica, com os malabarismos circenses, que resgatam a *commedia dell'arte*, com a utilização despudorada dos recursos tecnológicos à disposição da cena. Linguagens que refletem a multiplicidade de um mundo dominado pela tecnologia e pela comunicação de massa. Vanguardas travestidas que ocultam seu sentido de tradição. Afinal, o que pode de fato ser original no mundo recicladas como produto de um tempo.

Nesse contexto, uma vez mais, Jorge Andrade se faz presente no repertório do Grupo Divulgação e em minha carreira. Uma vez mais, me faz crer que o realismo ainda é capaz de trazer para o ator um universo de buscas e desafios na criação de uma personagem. Um exercício que requer sensibilidade, inteligência e pesquisa. Engana-se quem pensa que esse tipo de espetáculo é mais fácil para o ator. O trabalho de composição é exaustivo e impõe um tipo específico de abordagem.

O ator, muitas vezes, se depara com a dificuldade de não

saber onde colocar as mãos ou como trabalhá-las para dar o sentido exato ao gesto. É árduo também o desafio de encontrar a forma ideal de dizer o texto, dando às palavras seu significado pleno, dentro da lógica de ação da personagem, compondo sua própria melodia.

A criação do ator, numa proposta estética como esta, tem como objetivo atingir um máximo de veracidade emocional e cênica, que seja capaz de dar vida a esse ser fictício que quer conquistar seu lugar no palco. É preciso olho no olho e o coração batendo num compasso diferente. E cada detalhe é importante nesse processo - o figurino, o cenário, a sonoplastia, a iluminação, as pequenas descobertas íntimas e as doações secretas que o ator faz a sua personagem, seu bem mais precioso.

Se Stanislavski está equivocado ou, como muitos insistem em dizer, ultrapassado, não tenho motivos para me incluir nessa lista. Sei que é inevitável se recorrer a seus ensinamentos, embora não sejam os únicos e nem devam ser. Um ator em seu exercício de lapidação de um papel tem que ir além dos manuais e mergulhar a fundo num universo sensível, colocando todos os seus sentidos em estado de prontidão. Cada personagem representa sempre o desafio de um novo caminho a ser percorrido. E é isso que torna o teatro uma arte envolvente e desafiadora. Uma prática onde a repetição pode ser fatal.

Jorge Andrade é um velho conhecido. O Divulgação já tinha encenado, em 1977, *Pedreira da Almas*. Em 1989, se dá meu primeiro encontro com o dramaturgo, através da montagem de *Rasto*

Atrás. Dona Mariana foi o primeiro papel de maior projeção que fiz. Tenho medo de utilizar as palavras “grande” ou “importante” para me referir a ela, afinal a verdadeira dimensão de uma personagem está diretamente ligada à capacidade de criação e de entrega do ator, à sua possibilidade de fazer com que aquela personagem toque o espectador pela sua verdade cênica, pela sinceridade e humildade de se colocar à serviço da peça como um todo. Teatro é uma arte social.

Com a sabedoria simples de quem planta ou tece um bordado, Jorge Andrade percorre as várias nuances da alma humana. D. Mariana era rude como as mãos que trabalhavam na enxada e na lida da terra. Não tinha espaço dentro de si para saber *por que a lua é quebrada*. Respondia apenas: “*Lua é lua, flor é flor e rio é rio. No fundo só tem lodo*”.

Um novo desafio me consome, em 1992, com o espetáculo *Verdade da Salvação* - dar o peso dramático à personagem Germana. Outra vez, o sentimento rústico aparece como referência. Em meio ao fanatismo religioso, essa mãe vê sua filha ser sacrificada e se deixa levar pela loucura que transcende qualquer razão. Vê anjos nas árvores e nas cumeeiras. A dor pulsa nas entranhas de quem perdeu o que tinha de mais precioso e só enxerga diante de si o caminho da insanidade como forma de resistência: “*Vamos arrancar tudo o que é do mundo. Ninguém tem mais nada. Filho, pai, mãe! Ninguém tem mais nada!*”.

E, agora, vem aos poucos aflorando dentro e fora de mim outra personagem que faz parte dessa galeria de mulheres de Jor-

ge Andrade – Bianca Mainardi Ghirotto. Uma italiana legítima que fala alto quando sente suas verdades e seu espaço serem ameaçados, mas é capaz de ser doce e generosa como uma autêntica mama. Determinada, é dona de uma sabedoria e de uma praticidade que também vêm da experiência com a terra. “*Sem trabalhar como é que a gente pode viver? (...) Trabalhar é um santo remédio pra tudo. Corpo descansado demais procura serviço na cabeça. E isso não é bom*”.

Meu baú de recordações me faz buscar em minhas raízes o estímulo inicial para a construção desse papel. Meus bisavós paternos eram italianos, mas não trabalharam com a terra. O café me chega à lembrança através de meus bisavós maternos. Esse encontro com o meu passado, que, de certa forma, reconstrói uma pequena parte da memória do Brasil, faz com que *Os Ossos do Barão* se torne uma peça ainda mais intensa pela retomada dessa energia ancestral, que de alguma maneira é recolocada na cena.

Com uma dramaturgia memorialista, Jorge Andrade fornece a qualquer ator um material de primeira linha para ser esculpido com a voracidade de um animal faminto, com a desmedida dos apaixonados. Interpretar suas personagens foi sempre um desafio prazeroso. Na alteridade que essas mulheres me impuseram, encontrei a minha identidade, pois saí engrandecida com cada uma dessas fatias de aprendizado que o palco nos impõe. Através delas foi possível ir além da superfície, do visível e do palpável, me deixando encantar pelo universo mágico da cena, que fez de mim uma, a partir das muitas que me habitam.

A fortaleza feminina em Jorge Andrade

Marise Pimentel Mendes

Apesar de uma longa trajetória de subjugação da mulher, o sexo *frágil* sempre teve papel de destaque na dramaturgia universal. Mesmo no teatro grego do século V a.C., período no qual a mulher tinha praticamente o mesmo status social dos escravos, Eurípides soube expor uma extensa e marcante galeria de personagens femininas, desde esposas dedicadas, como Alceste, até mulheres que, movidas pela paixão, desencadearam trágicos desfechos familiares, como Medéia e Fedra.

E como esquecer a ambição de Lady Macbeth e a sabedoria de Pórcia, personagens das peças *Macbeth* e *O mercador de Veneza*, de Shakespeare? Sem falar em Marguerite Gautier de *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, ou em Nora de *A casa de bonecas*, de Ibsen, além de inúmeras figuras que decodificam a visão poética da mulher na sociedade e seus deslocamentos.

A dramaturgia brasileira também possui exímios pintores de caracteres femininos, como Jorge Andrade. Das bandeiras paulistas à segunda metade deste século, seja no meio rural ou urbano, as mulheres andradinas parecem erguidas como pedreiras.

O olhar para a frente e a constante mirada no passado. Essas parecem ser as duas zonas limítrofes das personagens femininas. Lutando até o fim para enterrar seu filho José, um ator, Marta, da peça *As Confrarias*, representa o confronto com o poder da Coroa na época da Inconfidência Mineira.

Ainda no contexto da decadência e do fim do ciclo do ouro, *Pedreira das almas* nos permite vislumbrar o confronto entre passado e presente. Urbana personifica a defesa da ordem e da lei na cidade de seus antepassados, da qual se recusa a sair. Sua filha Mariana, ao contrário, quer seguir o noivo Gabriel na busca das riquezas do ciclo do café. Como uma Antígona às avessa, não permite enterrar o irmão Martiniano para salvar Gabriel, agora símbolo de um novo mundo.

A busca do paraíso também representa a temática de *Vereda da salvação*. Entretanto, o caminho é o do fanatismo religioso, que empurra os agregados de uma fazenda para a morte. Desesperançadas e miseráveis, as mulheres entregam os próprios filhos ao sacrifício, como Germana e Durvalina.

Em oposição ao milagre místico, Ana e Artuliana querem partir para uma nova vida, no *sul*. Dolor, mãe de Joaquim, o líder espiritual dos agregados, também faz parte dos personagens ligados à natureza, e tenta minorar o fa-

natismo do filho. Porém, quando vê sua cria ameaçada, deixa cair por terra sua racionalidade e passa a personificar Maria, a mãe do Cristo que teria voltado ao mundo na pele de Joaquim.

Ainda no âmbito rural, *Rasto atrás* evoca as memórias do autor e desvela seus conflitos com o pai. Transcorrendo de 1922 a 1965, a peça retrata a trajetória da personagem Vicente, *alter ego* de Jorge Andrade. Aqui, o contorno do feminino vai reger o conflito entre a razão e a emoção.

D. Mariana, avó de Vicente, é uma mulher racional, chegando mesmo à crueldade quando objetiva algo. É assim que revela a Dr. França, seu médico, o amor que sua filha Isolina nutre por ele. Não perdoa o fato de seu filho João José ter se casado com uma “*moça da cidade*”.

Etelvina saiu à mãe. Já mais velha, é quem sustenta a casa. No retorno de Vicente à cidade, revela já ter vendido tudo – casa, cristais, louças. E culpa o sobrinho e o irmão:

— “*Foi só isto que você e seu pai nos deixaram.*

Consumiu-se tudo numa incompreensão odienta”.

Jesuína e Isolina, as outras filhas, são sonhadoras como Elisaura, a mãe de Vicente. Vivem às custas dos doces de Etelvina. E Isolina parece assumir o lugar que seria de Elisaura, incentivando no sobrinho seu lado emotivo.

Em *Os ossos do Barão*, Jorge Andrade retrata, como

em *Rasto atrás*, a decadência das fazendas de café. Passado e presente voltam a delinear o conflito entre as personagens. De um lado, mulheres que vivem das tradições familiares paulistas. Do outro, aquelas que, por algum motivo, já se desvencilharam destes laços.

Verônica, casada com Miguel, neto dos barões, é uma mulher pragmática. Ao sentir que “*brasão não serve nem em crediário*”, incentiva a filha Isabel a se casar com o filho do italiano Egisto, que possui quase todos os bens do barão. Isabel, por sua vez, se revolta em ser considerada apenas “*neta, bisneta, tataraneta*”, buscando por sua própria identidade.

Como espelhos de Jesuína e Isolina, Clélia e Lucrecia, tias de Miguel, representam o apego às tradições, desfilando a nobiliarquia oriunda da caravela de Martim Afonso de Souza. Já tia Marta, ao contrário, diz viver no seu tempo. É por isso que já vendeu até o jazigo da família para o italiano.

Por fim, a italiana Bianca Ghirotto, mais um forte retrato desta galeria, com sua simplicidade e, ao mesmo tempo, sabedoria. Junto do marido construiu uma grande fortuna, comprovando o provérbio:

“*por trás de todo grande homem há sempre uma grande mulher*”.

E vice-versa.

O ofício dos emergentes

José Luiz Ribeiro

O ato de fazer teatro é sempre um exercício permanente de sonhos e resgates. A dimensão da utopia permite o ir e vir neste universo mítico no qual a festa reina, soberana. A vanguarda é a retaguarda que o mundo esqueceu. Resgatar procedimentos é uma forma de reabastecimento para um salto adiante.

Os textos de Jorge Andrade são sempre uma forma de recarregar as baterias, olhar os caminhos da formação brasileira e projetar prospeções futuras. *Os Ossos do Barão* narra, com sagacidade, a história do imigrante que enriquece, provando, na prática, que o verdadeiro capital é o trabalho.

Egisto Ghirotto vem de uma terra italiana esgotada, onde o labor não recebe a resposta esperada. Mas o Brasil, o país do sol, é um paraíso somente perturbado pela peste de uma política corrupta, herança da colonização portuguesa, que encarava o trabalho um ato sem dignidade. Mas sua vontade de vencer alcançará frutos imediatos. A terra fértil proverá seus sonhos e anseios e a crise da nobreza do café lhe dará impulso para vencer.

A personagem não possui o perfil da elite. Mas, mesmo sem escolaridade, é sábia e inteligente e, assim, é capaz, também, de pagar, para por seus desejos. Como os velhos mercadores do Renascimento, investe na escolaridade de seu filho e atinge seu grande intento: ter um parente seu, o neto, descendente do Barão. E ao final de sua luta é coroado nesta aliança com a aristocracia paulista.

A caravela de Martim Afonso de Souza, que foi elevado a Conde da Coroa Portuguesa em 1530 e recebeu o comando da primeira expedição colonizadora, é sua idéia fixa. Afinal, Martim Afonso foi o responsável pelo primeiro *tour* nesse país tropical, uma vez que sua expedição chegou à Bahia, onde encontrou Caramuru, o Antônio Carlos Magalhães da época, e depois fez escalas no Rio de Janeiro, na Cananéia e no Rio da Prata. Mas sua importância para a elite paulistana foi a interiorização que semeará São Paulo e, para Egisto Ghirotto, a vinda das dezesseis famílias que serão raízes nobiliárquicas da aristocracia paulista.

Única comédia escrita por Jorge Andrade, a peça possui um estreito relacionamento com outras obras paulistas, como por exemplo, *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. Como Abelardo, o italiano emergente compra sua entrada na árvore genealógica dos descendentes das famílias que vieram na caravela de Martim Afonso. Mas a obra de Jorge Andrade encara com simpatia a discussão dos vencidos. As tias saudosas e o tio cidadão são objetos mágicos que Egisto quer comprar. Depois de arrematar objetos como móveis, cristais e pratarias, o italiano faz seu último investimento e compra o sangue quatrocentão paulista.

Aliviada pelo procedimento cômico, a obra permite captar o retrato de uma mudança social. A lavoura arcaica é personificada pela terra que vai se dividindo nas mãos de herdeiros incompetentes que tornam o passado um amontoado de elos perdidos. O Divulgação volta, mais uma vez, a Jorge Andrade e, num momento de crise e desemprego, denuncia os Barões que, não acreditando no trabalho, condenaram o país à dependência externa.

Os ossos do ofício

José Luiz Ribeiro

Continuamos no *front*, no campo de luta, onde a palavra resistência parece ter um sentido inesgotável. Montar *Os ossos do barão*, de Jorge Andrade, é voltar para um grande nome da dramaturgia que foi vítima de um tempo predatório. Se assim não fora, seu nome seria objeto de respeito total num país que prima pela falta de memória.

Nossa montagem procura o resgate estético, o exercício de um estilo que vai se tornando diferente na encenação pós-moderna que elegeu o circo, a *commedia dell'arte* e toda a biomecânica como formas de expressão. Estamos recuando para avançar, num exercício de estilo que só pode ser feito porque nosso compromisso é firmado num teatro universitário voltado para uma comunidade.

Nossa *Escola de Espectador* é um timão e guia. Movemo-nos na areia movediça do teatro, tentando encontrar um caminho seguro, mas variável. O teatro é uma arte tão maravilhosa que permite, sempre, a a investigação. Nesse ano de 1999, o Divulgação montou espetáculos visando a memória destes 500 anos de Brasil. Com *Guairaká*, foi resgatada a mitologia dos índios brasileiros, primeiros habitantes desta terra. Depois, montamos *Viva a Nau Catarineta*, de Altamar Pimentel, uma narrativa épica que falava das caravelas que cortaram os mares e escreveram, com sagacidade e bravura, um capítulo importante na história da humanidade. Com *Os Ossos do Barão*, tratamos da miscigenação do sangue brasileiro.

A caravela de Martim Afonso de Souza, que foi elevado a Conselheiro da Coroa Portuguesa em 1530 e recebeu o comando da primeira expedição colonizadora, é sua idéia fixa. Afinal, Martim Afonso foi o responsável pelo primeiro *tour* nesse país tropical, uma vez que sua expedição chegou à Bahia, onde encontrou Caramuru, o Antônio Carlos Magalhães da época, e depois fez escalas no Rio de Janeiro, na Cananéia e no Rio da Prata. Mas sua importância para a elite paulistana foi a interiorização que semeará São Paulo e, para Egisto Ghirotto, a vinda das dezesseis famílias que serão raízes nobiliárquicas da aristocracia paulista.

Única comédia escrita por Jorge Andrade, a peça possui um estreito relacionamento com outras obras paulistas, como por exemplo, *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. Como Abelardo, o italiano emergente compra sua entrada na árvore genealógica dos descendentes das famílias que vieram na caravela de Martim Afonso. Mas a obra de Jorge Andrade encara com simpatia a discussão dos vencidos. As tias saudosas e o tio cidadão são objetos mágicos que Egisto quer comprar. Depois de arrematar objetos como móveis, cristais e pratarias, o italiano faz seu último investimento e compra o sangue quatrocentão paulista.

Aliviada pelo procedimento cômico, a obra permite captar o retrato de uma mudança social. A lavoura arcaica é personificada pela terra que vai se dividindo nas mãos de herdeiros incompetentes que tornam o passado um amontoado de elos perdidos. O Divulgação volta, mais uma vez, a Jorge Andrade e, num momento de crise e desemprego, denuncia os Barões que, não acreditando no trabalho, condenaram o país à dependência externa.

Os ossos do ofício

José Luiz Ribeiro

Continuamos no *front*, no campo de luta, onde a palavra resistência parece ter um sentido inesgotável. Montar *Os ossos do barão*, de Jorge Andrade, é voltar para um grande nome da dramaturgia que foi vítima de um tempo predatório. Se assim não fora, seu nome seria objeto de respeito total num país que prima pela falta de memória.

Nossa montagem procura o resgate estético, o exercício de um estilo que vai se tornando diferente na encenação pós-moderna que elegeu o circo, a *commedia dell'arte* e toda a biomecânica como formas de expressão. Estamos recuando para avançar, num exercício de estilo que só pode ser feito porque nosso compromisso é firmado num teatro universitário voltado para uma comunidade.

Nossa *Escola de Espectador* é um timão e guia. Movemo-nos na areia movediça do teatro, tentando encontrar um caminho seguro, mas variável. O teatro é uma arte tão maravilhosa que permite, sempre, a investigação. Nesse ano de 1999, o Divulgação montou espetáculos visando a memória destes 500 anos de Brasil. Com *Guairaká*, foi resgatada a mitologia dos índios brasileiros, primeiros habitantes desta terra. Depois, montamos *Viva a Nau Catarineta*, de Altimar Pimentel, uma narrativa épica que falava das caravelas que cortaram os mares e escreveram, com sagacidade e bravura, um capítulo importante na história da humanidade. Com *Os Ossos do Barão*, tratamos da miscigenação do sangue brasileiro.

Falta, apenas, a celebração da maior festa popular brasileira: a história do carnaval, que será contada por nosso Núcleo da Terceira Idade, com o espetáculo *VIVA O ZÉ PEREIRA!*. E, assim, fecha-se o ciclo dessas comemorações.

Elegemos uma estética especial para a cenografia de *Os Ossos do Barão*. É uma oportunidade para a pesquisa material e para a confecção de um cenário com detalhes realistas, que permite ao nosso Núcleo de Cenografia testar técnicas do velho teatro ilusionista. Pesquisar o que, pejorativamente, se convencionou chamar de “teatrão” é buscar conhecer um período áureo, no qual reinou parte da dramaturgia de Jorge Andrade, os tempos do TBC. Num momento em que a cenografia torna-se, cada vez mais virtual, tentar construir um *décor* realista é um bom exercício para se conhecer o teatro brasileiro dos anos 40 e 50.

Como o teatro é uma arte que se inscreve no efêmero e nasce morrendo, compete a nós, componentes de um grupo que escreveu sua história estudando teatro e mostrando o resultado de suas lições, apresentar aos nossos espectadores o resultado de nossas pesquisas. Assim, acreditamos estar contribuindo para uma diversidade de explorações estéticas.

Um grupo de teatro universitário, formado por professores e alunos, voltado para um trabalho ideológico, em que pesquisa e extensão são frutos da integração com o ensino, tem como proposta resgatar a memória de um povo. Assim, contando nossas histórias, podemos nos entender melhor, pois nosso lema é: *Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro (Lorca)*.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta

Os ossos do Barão
Jorge Andrade

| | |
|---------------------------------------|---|
| Egisto | José Luiz Ribeiro |
| Bianca | Márcia Falabella |
| Martino | Marcos Araújo |
| Miguel | Júlio Andrade |
| Verônica | Marise Mendes |
| Izabel | Franciane Lúcia |
| Marta | Bárbara Bastos |
| Clélia | Cristina Braga |
| Alfredo | Rónisson Reis |
| Lucrécia | Bianca Cores |
| Elisa | Fátima Amorim |
| Copeira | Danúbia Figueira |
| Sonotécnica | Tiago Vitor |
| Iluminotécnica | Paulo Moraes |
| Apoio Administrativo | Virgínia Fonseca |
| Cenário | José Luiz |
| Núcleo de Cenografia | Franciane Lúcia, Débora Cúrcio, Emerson Gonçalves, Emiliana Braga, Neuseli Lüttke, Tassiana Teixeira |
| Equipe de Apoio | Léa Lignani, Thiago Cabral, Rinara Souza, Ana Paula de Castro, Aline Moreira, Frederico Monteiro |
| Cartaz e Design de Programa | Augusto França – <i>Highlight</i> |
| Trilha sonora, iluminação, Direção | José Luiz Ribeiro |

GRUPO DIVULGAÇÃO ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Novo amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina
Coral Universitário
Belmiro, Murilo e Pedro Nava
Camões
A menina casadoira
Pic-nic no front
Sganarello
Lição de Molière
Farsa do Mestre Pathélin
Manuel, Bandeira do Brasil
Molière
A incelença
Oh! A mulher!
Os divertimentos do rei
Sertaneja
A Gata Borralheira
Sassaricando
A pousada do Marreco Verde
Canto por Federico

João Cabral de Mello Neto
José Luiz Ribeiro (texto)
José Luiz Ribeiro (colagem)
José Luiz Ribeiro (seleção)
Eugène Ionesco
Arrabal
Molière
José Luiz Ribeiro
Anônimo medieval
Malu Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro
Luiz Marinho
José Luiz Ribeiro
José Eduardo Vendramini
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
M. Lúcia e José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde
O mistério das nove luas
A chapeleira da Rua Azul
O patinho feio
Guairaká (II)

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/J. Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
Ilo Krugli et alii
José Luiz Ribeiro
Ronaldo Boschi
José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

| | |
|---------------------------------------|-------------------|
| Cancioneiro de Lampião | Nerthan Macedo |
| O urso | Anton Tchekhov |
| Bodas de sangue | Garcia Lorca |
| Electra | Sófocles |
| Diário de um louco | Nicolai Gogol |
| Pequenos burgueses | Máximo Gorki |
| A visita da velha senhora | Dürrenmatt |
| Escola de mulheres | Molière |
| Escurial | Ghelderode |
| Romanceiro da Inconfidência | Cecília Meireles |
| Maria Stuart | Schiller |
| A morta | Oswald de Andrade |
| O patinho torto | Coelho Netto |
| Yerma | Garcia Lorca |
| Seis personagens em busca de um autor | Pirandello |
| As criadas | Jean Genet |
| Arlequim servidor de dois amos | Carlo Goldoni |
| Calígula | Albert Camus |
| Guerra mais ou menos santa | Mário Brasini |
| Pedreira das almas | Jorge Andrade |
| Só o faraó tem alma | Silveira Sampaio |
| O beijo no asfalto | Nelson Rodrigues |
| Mas que papel, seu bacharel! | José Luiz Ribeiro |
| O estado de sítio | Albert Camus |
| Boca do inferno | Marcus Vinícius |
| A mandrágora | Maquiavel |
| O rei da vela | Oswald de Andrade |

| | |
|------------------------------------|-----------------------|
| Como se fazia um deputado | França Júnior |
| Dr. Getúlio, sua vida e sua glória | Dias Gomes e F.Gullar |
| O jardim das cerejeiras | Anton Tchekhov |
| Esta noite se improvisa | Pirandello |
| O inspetor geral | Nicolai Gogol |
| Fausto | Goëthe |
| Girança | José Luiz Ribeiro |
| A casa de Bernarda Alba | Garcia Lorca |
| Grito mudo | José Luiz Ribeiro |
| As aventuras do tio Patinhas | Augusto Boal |
| A aurora da minha vida | Naum Alves de Souza |
| Canga | José Luiz Ribeiro |
| O mercador de Veneza | William Shakespeare |
| Era sempre primeiro de abril | José Luiz Ribeiro |
| O santo milagroso | Lauro César Muniz |
| Rasto atrás | Jorge Andrade |
| Todomundo | José Luiz Ribeiro |
| Édipo-Rei | Sófocles |
| O burguês fidalgo | Molière |
| Vereda da salvação | Jorge Andrade |
| Il teatro comico | Carlo Goldoni |
| Como se come um homem | S. Mrozek |
| A torre em concurso | J.Manuel de Macedo |
| O homem e o cavalo | Oswald de Andrade |
| A escada de Jacó | José Luiz Ribeiro |
| Cervantina | Miguel de Cervantes |
| O Devoto | José Luiz Ribeiro |
| O Príncipe Rufião | José Luiz Ribeiro |
| Viva a Nau Catarineta | Altimar Pimentel |
| Os Ossos do Barão | Jorge Andrade |

Reitora da UFJF:
Profa. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 30 anos perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que:

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”
Federico Garcia Lorca